

Pedro Teixeira - um próspero cartório

Ana Cristina Torres

"Cheguei em Brasília em 1960, ou para ser mais preciso, no dia 16 de abril. Portanto, posso ser considerado pioneiro, pois pisei a terra da nova capital cinco dias antes de sua inauguração oficial.

Até hoje guardo bem vivo os acontecimentos que antecederam as solenidades do dia 21 de abril de 1960, quando assisti fatos e ocorrências da maior bravura, de fé e luta pela concretização de um ideal tão perseguido e sonhado por todos os brasileiros.

Por uma brincadeira de minha noiva, hoje minha muito amada mulher, o destino trouxe-me para Brasília.

Estávamos no Rio de Janeiro quando minha noiva, que era professora, interessou-se por um prospecto oferecendo "mundos e fundos" para as voluntárias que quizessem lecionar em Brasília.

Como todos aqueles que pretendem iniciar sua vida conjugal, era uma oportunidade que se oferecia. Face a vibração da minha noiva, acabei eu vindo primeiro. E para tanto obtive férias no jornal "Correio da Manhã", e vim sondar de perto as perspectivas futuras.

Todo homem é produto do meio, e como eu exercia a profissão de repórter de um órgão de imprensa, radicalmente contrário à transferência da Capital, evidentemente que eu era meio incrédulo quanto ao desenvolvimento de Brasília. Todavia, bastou-me testemunhar a fibra e o amor dos que se empenhavam nas tarefas da construção, para que mudasse totalmente minha opinião e passasse a acreditar que Brasília seria uma realidade mais breve do que se esperava.

Empolgado e arrebatado por Brasília, embora de férias, apresentei-me na redação do Correio da Manhã, então situada provisoriamente na Rua da Igreja, oferecendo-me para trabalhar ainda que graciosamente.

A proposta foi aceita e eu passei a dar cobertura a todos os acontecimentos da vida da cidade.

Até hoje, guardo orgulhosamente os recortes das reportagens que assinei naquela época, as quais se constituem em documentos históricos.

Paralelamente, atendendo a um convite de um colega de jornal, nas horas de descanso, eu carregava pedras, ou melhor,

areia. Tínhamos adquirido um caminhão e transportávamos "areia" de Luziânia para os diversos canteiros de obra.

O negócio foi um desastre tamanho que acabei por ter que pagar títulos em cartório.

A adaptação a Brasília não foi nada fácil no início. Tudo aqui estava por se fazer ou pela metade.

Os meios de transportes eram precaríssimos. Quase inexistentes. Locomovíamos-nos na base da carona. Como estas eram raras, na maioria das vezes andávamos a pé. Durante meses eu percorria andando toda a extensão da Praça dos Três Poderes, ziguezagueando entre os Ministérios, em busca de notícias, que por sinal eram escassas, visto que a maior parte das autoridades constituídas ficavam no Rio de Janeiro, aparecendo em Brasília eventualmente e quando aqui vinham, voltavam no mesmo dia.

Outras dificuldades, como por exemplo, as saudades dos familiares, ausência de diversões, alto custo de vida, diferença de nível intelectual, foram fatores que obstaculavam a adaptação a Brasília.

Apesar de todas as deficiências iniciais, era perfeitamente possível antever-se um horizonte mais promissor, porque o entusiasmo dos pioneiros era contagiante.

Casando-me tudo tornou-se melhor. Sem dúvida, a ausência do carinho familiar era motivo de depressão e nostalgia. Era mais que corriqueira nesta época, a doença "distúrbio neurovegetativo", fruto da solidão.

Em 1961 eu trazia definitivamente minha mulher para Brasília onde ela começou a lecionar provisoriamente no Núcleo Bandeirante. O "Correio da Manhã" neste período convocou-me para regressar definitivamente ao Rio de Janeiro. Já então Brasília tinha me fascinado e eu não tive dúvidas: dei um veemente não, mesmo sabendo que aquilo implicava na rescisão de contrato, o que acabou por se efetivar.

Trabalhando no Tribunal de Justiça do DF, continuei meu curso de Direito que havia iniciado no Rio de Janeiro, onde periodicamente fazia provas. Formado, passei a atuar no Fórum local até 1967, quando fui nomeado para o Cartório de Protestos em razão de concurso.

A princípio não foi muito fácil instalar as dependências cartorais, pois pouco eram os imóveis e o preço não estava ao meu alcance. Porém, um ex-cliente meu resolveu desmontar parte de sua farmácia e assim possibilitou a inauguração do cartório. Ainda me lembro do fim-de-semana, quando eu e meus parentes transportávamos centenas de frascos de uma loja para outra...

Além das dificuldades materiais tive que enfrentar o problema de minha pouca experiência aliada a falta de recursos humanos.

Não obstante, com dedicação integral e vontade de bem servir a comunidade, superamos os entraves iniciais, fazendo da serventia pela qual respondemos, uma das mais organizadas do país, que tem servido de modelo para outras tantas.

A frente do cartório posso dizer que tenho sido um termômetro do processo de desenvolvimento célebre de Brasília. Excetuados os tradicionais inconformistas da mudança da capital para o planoalto central, nenhum brasileiro de bom senso pode negar o significativo marco que a consolidação de Brasília representa para o Brasil e continente.

De há muito ultrapassamos as crises artificiais. O crescimento progressivo de protesto, por exemplo, é fato normal de uma cidade obviamente em pleno desenvolvimento.

O aumento populacional, a implantação de campos empresariais, são fatores de maior número de negócios. E, consequentemente, há maior circulação de riquezas, justificando-se a emissão de títulos de crédito.

A situação é assim comum a todos os grandes centros, não havendo razões alarmantes.

Brasília está dia-a-dia se impondo no conceito nacional e mundial. É realmente a "capital da esperança" e constantemente nos tornamos conhecedores de muitos que daqui partem lamentando-se de suas decisões.

Não me arrependo de ter sido um fiel colaborador de Brasília e nem tenho pretensão de trocá-la por outra região. Eu e meus familiares sentimo-nos identificados com a comunidade brasiliense."